

A arca, o tabernáculo e o templo: a arquitetura divina nos discursos de Montano, Siguenza e Villalpando

Camila Cristina Souza Lima¹

 0009-0001-6944-0456

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 17, 2023. **Atas do XVII Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 17, 2023.

DOI: 10.20396/eha.17.2023.11704

Resumo

Arias Montano, José de Siguenza e Juan Bautista Villalpando foram três autores próximos ao monarca Felipe II de Espanha (1527-1598) e que conheceram a fábrica do Mosteiro de San Lorenzo El Real del Escorial, fundamental na construção da imagem dos monarcas espanhóis. Com a obra de Villalpando, o Escorial passou a ser interpretado como novo templo de Jerusalém. Procuramos apresentar os antecedentes dessa interpretação, considerando as palavras de Siguenza, que associa a imagem dessa construção à arca de Noé, ao tabernáculo de Moisés e ao templo de Salomão e, especialmente, considerando como Arias Montano apresenta o modelo desses três edifícios em seu tratado “Ejemplar o arquetipo de las construcciones sagradas”.

Palavras-chave: Arquitetura Sagrada. Espanha. Arias Montano. Siguenza. Villalpando.

¹ Doutora em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração ‘História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo’, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. LD Mário Henrique Simão D’Agostino.

A primeira vitória de Felipe II (1527-1598) como rei, na Batalha de San Quintin, ocorreu no dia do santo espanhol San Lourenço, o que foi utilizado como argumento retórico para se edificar o Mosteiro de San Lorenzo El Real del Escorial, demonstrando a providência divina agindo em favor dos espanhóis. Além da memória desse evento, o edifício servia a muitas funções, sendo a mais importante guardar o túmulo de Carlos V (1500-1558), juntamente com Felipe II e seus descendentes. A escolha de sua localização foi decidida após cerca de quatro anos de reflexão, em 1562, quando se iniciaram as obras para dar morada eterna digna das personagens que guardaria.²

O Escorial era um monumento de grande expressividade dentro de um conjunto de discursos de defesa da fé católica no contexto das Reformas Religiosas. A presença de Carlos V reforçava essa comunicação, pois foi figura central no início da fragmentação religiosa como governante do Sacro Império durante a crise instaurada a partir das ações de Martinho Lutero (1483 -1546). Felipe II também se apresentaria nesse edifício como defensor da fé, seja em suas ações contra os muçulmanos, seja reforçando a lembrança da santidade de seus antecessores e sua submissão à autoridade papal.³

O discurso sobre a monarquia e as imagens mobilizadas para construir essa Propaganda Régia nos espaços desse mosteiro incluíam elementos da cultura clássica, como a linguagem arquitetônica escolhida *alla antica*, em sua versão herreriana, austera e grandiosa, o reforço da memória de santos e santas da Península Ibérica, particularmente aqueles que pertenceram à nobreza e à monarquia, bem como as referências bíblicas, sobretudo a partir da comparação com edifícios do Antigo Testamento.

Nestas páginas trataremos particularmente da utilização da imagem da arca de Noé, o tabernáculo de Moisés e o templo de Salomão nesse discurso. Essas três referências serão apresentadas a partir de três autores que estiveram presentes na construção do Escorial e, dessa forma, podem ser considerados como próximos à retórica monárquica sobre esse edifício. Primeiramente apresentaremos as considerações feitas pelo frei José de Sigüenza (1527-1598), seguido por nossa principal referência, Benito Arias Montano (1527-1598), e finalizaremos com algumas considerações a partir da obra de Juan Bautista Villalpando (1552-1608) sobre o Templo de Salomão.

² GARCÍA-FRIAS, Carmen; SANCHO GASPAS, José Luis. *Guía del Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial*. Madrid: Patrimonio Nacional, 2010.

³ A construção da argumentação sobre a defesa da fé pela Monarquia Hispânica presente no Mosteiro de San Lorenzo El Real del Escorial foram apresentadas em nossa tese de doutorado.

LIMA, Camila Cristina Souza. **Monges hospitalares**: imagem das monarquias ibéricas nos espaços régios nos Mosteiros da Ordem de São Jerônimo (1495-1598). 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-31072018-103547/pt-br.php>. Acesso em 06 de março de 2024.

José de Sigüenza

O frei José de Sigüenza foi o principal autor a nos informar sobre a edificação do Escorial. Como historiador da Ordem de São Jerônimo, da qual fazia parte, era testemunha privilegiada sobre as obras de construção física e a fundação espiritual desse mosteiro.

Ao apresentar-nos a importância desse edifício, compara-o a três construções bíblicas: a arca de Noé, o tabernáculo de Moisés e o templo de Salomão. As referências são colocadas metaforicamente, para indicar a importância e a função de local em que a defesa da fé e o compromisso da monarquia com a Igreja Católica se apresentavam. Não há efetivamente relações mais explícitas ou detalhadas de que alguma das soluções arquitetônicas do Escorial tenham sido baseadas em uma dessas edificações sagradas. Assim apresenta Sigüenza no prólogo de sua obra:

Aquí, como en un arca de Noé, se salvan muchas almas que, huyendo del diluvio del mundo, se encierran dentro de sus marcos en una estrecha obediencia, esperando con gran firmeza no olvidará Dios a los que así se fiaron de su palabra. Aquí, como en el Tabernáculo de Moisés, se asienta el mismo Dios en la verdadera arca del testamento sobre las alas de los querubines, se aprende la ley divina, se guarda, se ejecuta, disputa, defiende, enseña. Aquí, como en otro Templo de Salomón, a quien nuestro patrón y fundador, Felipe II, fue imitando en esta obra, suenan de día y de noche las divinas alabanzas, se hacen continuos sacrificios, humean siempre las incienso, no se apaga el fuego ni faltan panes recientes delante de la presencia divina y debajo de los altares reposan las cenizas y los huesos de los que fueron sacrificados por Cristo.⁴

O dilúvio era uma metáfora para a crise religiosa enfrentada com a quebra da unidade consequente às Reformas Religiosas. O Escorial também é comparável ao Tabernáculo, onde o verdadeiro Deus habitaria, mais uma vez reforçando a posição espanhola como aliada ao “verdadeiro” cristianismo, permanecendo alinhado ao Papado. Por fim, era o Templo de Salomão, edifício digno e que correspondia ao desejo divino sobre onde deveria ser honrado, estabelecendo a relação entre os antigos ritos realizados no templo de Jerusalém (altares, cinzas e ossos) e a igreja cristã, em que o sacrifício dos antigos hebreus pode ser comparado aos santos e mártires, cujas relíquias foram cuidadosamente reunidas no Escorial. A referência a Felipe II como imitador de Salomão na realização da obra é mais forte que as demais comparações com a arca e o tabernáculo.

⁴SIGÜENZA, Frei José de.. *La Fundacion del Monasterio de el Escorial*. Valencia: CMC Editor, 2010, p. 08.

Ao descrever propriamente o edifício, devemos destacar as considerações de Siguenza sobre a primeira visão daqueles que ingressavam no complexo em sua entrada principal, por onde se acessava a basílica, o elemento central da organização de todo o conjunto. O *Pátio de los Reyes* era marcado pela vista dos seis reis do Antigo Testamento apresentados em estátuas na fachada da igreja: Josafá, Ezequias, Davi, Salomão, Josias e Manassés. A escolha dessas personagens é apresentada por Siguenza como contribuição de Arias Montano para o Escorial e se justificava pela importância que aqueles governantes tiveram para a construção do templo de Jerusalém. Também, devia-se provavelmente à relação dinástica entre eles, sendo todos da tribo de Judá e da família de Davi, reforçando a lembrança de que nesse local estavam enterrados Carlos V, Felipe II e seus descendentes.

Em destaque na composição, ao centro, estão as estátuas de David e Salomão. O primeiro, porque efetivamente a realizado. Entre os atributos de Davi, estatua de autoria de Juan Bautista Monegro, assim como as demais, estão a empunhadura e o alfanje, como homem guerreiro. Salomão é apresentada com aparência jovem, como quando edificou o templo, e com trajes que reforçavam seu caráter de homem pacífico, o que o tornou digno de realizar a obra ordenada por Deus. Seus atributos são um livro na mão esquerda, “como hombre sábio y que escribió mucho y alcanzó más que todos los recebeu a traça para o edifício e reuniu grande parte dos recursos para a obra. E seu filho, por ter filósofos.”⁵

Imediatamente ao lado de Davi estava o rei Ezequias e ao lado de Salomão estava Josias. Ezequias tinha atributos relacionados à restauração do altar e dos sacrifícios no templo e Josias carrega um volume para lembrar que os reis devem seguir às leis como governantes. Ao lado de Ezequias estava Josafá, com atributos relacionados ao corte de árvores, significando seu papel de ter destruído árvores e bosques em que se adoravam outros deuses, reforçando o combate aos desvios na religião e a necessidade de se manter uma única fé. E por fim, ao lado de Josias estava seu avô, Manassés, que se apresenta com um compasso e uma régua e aos seus pés uma grossa corrente e as suas roupas de prisioneiro, significando seu retorno à Jerusalém após o cativeiro para reconstruir seu reinado e o templo de Jerusalém.

Os atributos e contribuições descritas por Siguenza sobre essas estátuas dos reis do Antigo Testamento reforçam a maneira como o autor concebia a edificação de um local de culto, que era realizado em seus aspectos materiais e espirituais. O autor também indica que a escolha dessas figuras para se colocarem em grande destaque no edifício era influência de Benito Arias Montano, sobre quem trataremos a seguir.

⁵ Idem, p. 271.

Benito Arias Montano

Benito Arias Montano foi dos mais importantes humanistas espanhóis do século XVI, tendo sido confessor de Felipe II e Bibliotecário do Escorial, tendo estreito contato com o frei José de Sigüenza. Foi escolhido pelo monarca para dirigir os trabalhos relacionados à reimpressão (projeto iniciado em 1538) da Bíblia de Cisneros, que acabou por ser reformulada.

A Bíblia Régia, ou Bíblia Poliglota, impressa por Cristóbal Plantino sob direção de Arias Montano, era composta pelos textos originais em hebraico, caldeu e grego, vertidos para o latim. Além da direção dos trabalhos, que resultaram em uma versão final em oito volumes, Arias Montano preparou um conjunto de dez tratados que formavam o último volume, intitulado *Apparatus Sacer*,⁶ com discussões sobre a tradução, história e cultura hebraica que poderiam auxiliar na compreensão do texto sagrado. Esses tratados foram impressos entre junho de 1571 e maio de 1572.

Enquanto essa grandiosa obra impressa estava sendo concluída a fábrica do Escorial também se levantava. A construção do Convento do Escorial foi finalizada em 1571, para então se iniciar as obras da Casa do Rei em 1572 e a e a basílica em 1574. As obras arquitetônicas da basílica foram em grande medida finalizadas em 1584 e a decoração ainda se prolongou por mais alguns anos, sendo consagrada em 1595⁷.

Dentre os tratados que compõe o *Apparatus Sacer* trataremos do “Exemplar, sive De sacris fabricis liber”⁸, que discute as construções realizadas na Bíblia sob pedido e modelo vindos do próprio Deus: a arca de Noé, o tabernáculo de Moisés e o Templo de Salomão. É importante destacar que o autor reforça o nome do executor de cada obra. Ou seja, reforça a fidelidade desses homens em seguir as instruções recebidas de Deus. São também essas as mesmas três construções destacada no prólogo de Sigüenza, o que justifica nosso interesse nesse breve tratado.

A arca, primeira construção apresentada por Arias Montano, tinha o nome em hebraico de *thebah*, que, segundo o autor, significaria uma arca feita para salvaguardar a vida humana dos perigos da água, opondo-se a outro tipo de arca, chamada *aron*, que guarda coisas inanimadas.⁹

⁶ GÓMEZ CANSECO, Luis; FERNÁNDEZ LÓPEZ, Sergio (eds.). **Benito Arias Montano**, "Antigüedades hebraicas. Tratados exegéticos de la Biblia Regia. Antiquitatum Iudaicarum libri IX. Apparatus Sacer. Huelva: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva, 2013.

⁷ GARCÍA-FRÍAS, Carmen; SANCHO GASPAS, José Luis. Op. Cit.

⁸ ARIAS MONTANO, Benito. Ejemplar o arquetipo de las construcciones sagradas. Tradução de José Solís de los Santos. In: GÓMEZ CANSECO, Luis; FERNÁNDEZ LÓPEZ, Sergio (eds.). Op. Cit., p.549-646.

⁹ Ibidem, p.554.

O edifício deveria ser adequado para o uso a que se destinava, com matéria e forma que convinhassem à sua função, sendo de madeira de pinheiro. A forma teria sido dada no momento da anunciação de que Noé deveria realizar a obra:

Por ello, una vez oído el nombre mismo, Noé supo con bastante claridade la forma del arca que convenia reproducir: por supuesto que alargada, constando bastante claridade de cuatro esquinas para indicar el significado de un hombre echado que estuviera encerrado en ella, habida cuenta de que el género humano reducido al número de ocho almas se depositaba en aquella arca.¹⁰

A imagem desse homem deitado e suas proporções correspondendo às da arca é apresentado em uma das imagens publicadas junto ao texto de Arias Montano. Esse homem que é medida para a arquitetura sagrada é o próprio Cristo, relacionando a salvação das águas à salvação dada após a morte e ressurreição de Jesus.

Não descreveremos aqui as dimensões e as discussões de Arias Montano sobre cada detalhe da arca de Noé. Mas devemos ressaltar que dentre os três principais edifícios descritos e analisados por Arias Montano a arca é o único cujo modelo está acabado em si, ou seja, seguindo as prescrições divinas e sem adições ou modificações futuras. Dessa forma, seria o edifício mais próximo do modelo ideal.

As demais construções são descritas com historicidade, são modificadas ao longo do tempo devido às necessidades, às mudanças na configuração social, política e cultural do antigo povo de Israel. Ainda assim, a arca é apresentada sempre a partir dos conceitos de necessidade e conveniência, em uma visão voltada para a preocupação de que aquelas características e soluções poderiam efetivamente ser colocadas em prática.

No que diz respeito ao tabernáculo, Arias Montano inicialmente esclarece sobre a utilidade dessa construção. Em suas palavras:

Y la utilidade de la construcción propuesta [tabernáculo] era el que el pueblo acuda ante Dios, que assiste en singular providencia y presencia como un rey o caudillo suyo, lo busque y lo consulte sobre las razones de sus cosas. Y es que para estos que vagaban errantes e inestables, convenia prepararse para este uso no un santuario permanente, sino movable. Así pues, se preparo una tienda que prestasse el uso de una mansión regia o una tienda de estado mayor en campamento, y se prestasse como reunión del pueblo para orar, consultar y adorar a Dios. En efecto, lo leemos así escrito: *Y harán para mí un santuario, y habitaré en médio de ellos.* (Ex 25, 8)¹¹

¹⁰ Ibidem, p. 554.

¹¹ Ibidem, p. 557.

A adequação novamente é o preceito central para se compreender o edifício. Os materiais e a forma do tabernáculo, santuário móvel para acompanhar o deslocamento do povo errante que o ergue, deveriam ser adequados à majestade divina, por ser morada de Deus e para despertar nos fiéis a admiração. Os materiais, nesse sentido, deveriam ser os mais preciosos possíveis, o que demonstrava o ânimo e disposição do povo em realizar aquela obra, pois os recursos teriam sido reunidos por oferendas voluntárias. Ouro, prata e bronze eram os mais indicados, bem como a utilização da cor púrpura. Os tecidos, parte fundamental da estrutura, eram cuidadosamente descritos, bem como o uso das peles para a proteção contra o clima e a maneira de se preparar a estrutura de madeira da tenda.

No que diz respeito à forma, essa teria sido apresentada por Deus a Moisés no monte:

Hubo un ejemplar mostrado por Dios en el monte para la admiración de Moisés, en verdad espiritual y de matéria invisible, construyendo completamente con técnicas divina y gratíssimo a Dios, su habitante, y excelsamente más adecuado que todas las Construcciones terrenales¹²

O tabernáculo é também apresentado em suas partes e disposição. Inicialmente descreve as partes mais importantes e posteriormente sua organização geral. O espaço de maior sacralidade do conjunto, que se encontrava na porção mais interna da tenda, era o *Sanctasanctorum*, onde o próprio Deus possuía seu trono. Nesse espaço pouco acessível e de extrema sacralidade, cuja entrada era marcada pela presença de cinco colunas, era o local onde se abrigava a arca da aliança, o altar dos incensos, a mesa dos pães, que representaria o convívio perpétuo e deveria servir aos ofícios do sacerdote, e o candelabro *menorah*. Há grande preocupação em descrever cada um desses aparatos ligados à atividade sacerdotal, significando que a sacralidade e riqueza se encontravam sobretudo nesses objetos que se ligavam diretamente ao serviço divino.

Arca da aliança, parte principal do tabernáculo, seria o trono divino e todo o tabernáculo tinha sido realizado para que fosse o abrigo da arca, o refúgio e a morada da divina ali presente na aliança selada entre Deus e seu povo nas tábuas das leis que guardava. Essa arca se chamava *Elohim* e é detalhadamente apresentada por Arias Montano, sendo de madeira revestida de ouro por dentro e por fora, material que se destacava por sua pureza, e era coberta por panos de ouro. Há também indicações de anéis de ouro colocados em suas laterais, que permitiam que se inserissem varas para seu transporte, quando o tabernáculo fosse deslocado. A arca era coberta pelo *Chaphoreth* sobre o qual se apresentavam

¹² Ibidem, p. 558.

duas figuras de crianças feitas em ouro maciço, em pé em cada extremidade dessa tampa. As crianças, os querubins, tinham asas e não braços.

Entre a tenda onde se encontrava o *Sanctasanctorum* e o muro há a delimitação da área pertencente ao tabernáculo chamada de átrio. Esse espaço aberto era parte do santuário em si, onde os sacrifícios eram realizados no altar. Também se encontrava neste local um grande reservatório de água feito em prata para que os que participavam das celebrações pudessem se purificar.

O tabernáculo seria ao mesmo tempo apenas a tenda onde se guardaria a arca, bem como toda a área em volta dessa tenda, incluindo o átrio, onde as pessoas se encontravam reunidas.

A terceira e última construção descrita por Arias Montano é o templo de Salomão, único espaço de culto dos povos de Israel a partir de sua construção. Segundo o autor, naquele tempo não era lícito que templos fossem edificadas por iniciativa particular, ou por decisão de uma parte da população, porque essa atitude de favorecer material e visualmente a religião provocaria rivalidades entre os diferentes grupos. Também poderia surgir um novo culto ou divergências entre os ofícios realizados em cada local sagrado, o que enfraqueceria a unidade da religião, abrindo espaço para cultos de falsos deuses. Essa argumentação certamente dialogava com o contexto em que se realizaram as obras para a Bíblia Poliglota, reforçando a necessidade de unidade e uniformidade de todos os cristãos seguindo o exemplo dos antigos judeus.

A construção do templo também significava o fim dos conflitos com os povos vizinhos. Enquanto as disputas dominavam as preocupações dos hebreus o tabernáculo móvel feito por Moisés continuou a servir como templo, mas estando fixado na cidade de Siló. Porém, quando Davi reinava, a partir da profecia de Natan o rei entendeu que Jerusalém fora escolhida para receber a construção do templo, mas que isso ocorreria apenas em um período de maior tranquilidade e paz, durante o reinado de seu filho. Essa profecia motivou o rei a iniciar a aquisição de recursos para essa construção e a compra do local em que a profecia indicava para a construção: o monte Moriá.

Dentre os espaços construídos havia uma grande torre, chamada de *vestíbulo*, e tudo o que se encontra dentro dela se chama *santuário interior*, “[...]pues así lo denomina la Biblia”.¹³ Da mesma forma que o tabernáculo, o templo também apresentava distintos espaços em termos de acessibilidade e santidade. Dentro de um espaço reservado e quadrado, isolado por uma parede de tabuas de cedro, estava o local mais sagrado, o *Sanctasanctórum*. Todas as madeiras dos muros que o delimitavam eram

¹³ Ibidem, p.568.

recobertas por tecidos de ouro com figuras de palmas e querubins. Uma cortina também separava esse espaço e o tornava mais secreto.

Sobre a parte mais externa do templo, Arias Montano ressalta que o complexo apresentava grande número de pátios, sendo o principal o “patio de los sacerdotes”, também chamado de “átrio interior”, onde eram realizados os ofícios e ao redor do qual se encontravam muitos aposentos, onde se guardavam tesouros e utensílios relacionados aos trabalhos dos sacerdotes, bem como alguns aposentos para aqueles que guardavam o espaço e seus bens. A organização dos pátios é também identificada com a figura de um leão, sendo por isso também chamado de *Ariel*, que segundo o autor significa “león del fuerte” ou “león de Dios”.

As partes principais do edifício, e que foram finalizadas para que se pudesse inaugurar o templo eram: o *santasanctorum*, o santuário e o átrio interior.

Outro átrio importante, chamado de “Átrio de Israel” ou “Átrio Exterior”, que foi edificado por Salomão, era o local em que o povo se reunia para o culto. Também havia o *profano*, que era um átrio onde os estrangeiros ou os israelitas que não estivessem purificados para o ritual poderiam rezar.

Todo espaço delimitado entre os muros externos até os átrios era denominado de “Monte do Templo”. Adossado ao muro mais externo do conjunto, encontravam-se bancos com proteção de telhados onde o povo poderia se sentar. E junto à porta oriental foram construídos dois tribunais de juízes.

São ressaltadas na descrição de Arias Montano as adições posteriores a Salomão nesse templo, como uma porta adornada e a divisão do átrio exterior, criando uma separação maior entre homens destacava personagens diferentes daqueles que estavam apresentados na fachada da basílica do e mulheres com o surgimento do “átrio das mulheres”. Também menciona uma quase destruição do templo por Atalías, sendo que o rei Joás teria criado leis para sua conservação e a segunda versão do edifício realizada por Zorobabel. Vale ressaltar que a contribuição de diferentes reis nesta construção Escorial, que descrevemos anteriormente, cuja solução, segundo Siguenza, tinha sido preparada por Arias Montano e que, podemos concluir, estavam escolhidos sobretudo pela relação familiar e dinástica entre as personagens apresentadas no mosteiro edificado por Felipe II.

Considerando a maneira como Arias Montano descreve o templo de Jerusalém podemos compreender que essa obra iniciada por Salomão não é apresentado pelo autor como um modelo ideal, acabado, recebido pronto a partir de um projeto divino apresentado aos reis. Ainda que o pedido tenha sido dado por Deus através da profecia, o conjunto que compõe esse templo e seu espaço sagrado se transformou ao longo do tempo, sofrendo consequências positivas (reformas e adições) e negativas

(destruições) segundo os recursos e o contexto vivido pelo povo hebreu e seus governantes e que, além de tudo, precisa se adaptar às mudanças na sociedade, como exemplificado na justificativa para a construção/separação do “átrio das mulheres”.

Juan Bautista Villalpando (e Jerônimo Prado)

Se com José de Sigüenza a imagem do Escorial era comparada à arca, o tabernáculo e o templo e se Arias Montano, o que segundo o monge jerônimo tinha influenciado na escolha da alusão ao templo de Jerusalém através das estátuas dos reis do Antigo Testamento, também tinha se ocupado em seu tratado sobre a arquitetura sagrada em valorizar a importância dessas três construções, a partir da obra de Juan Bautista Villalpando seria consolidada a associação do mosteiro edificado por Felipe II como novo Templo de Salomão.

Natural de Córdoba e membro da Companhia de Jesus, Juan Bautista Villalpando havia sido um dos ajudantes de Juan de Herrera (1530-1597) durante o período em que esteve à frente das obras do Escorial, sendo que o arquiteto do rei também se ocupou nesse momento em instruir seus auxiliares em matemáticas e arquitetura.¹⁴ Rene Taylor indica que provavelmente Villalpando também tenha frequentado as aulas da Academia de Matemáticas idealizada por Herrera.¹⁵

A proximidade com esse arquiteto ajudam a explicar o apoio real recebido por ele para a publicação de sua obra exegética em colaboração com o também jesuíta Jerônimo Prado, lembrando que Herrera tinha atuado realizando pareceres favoráveis a publicações de obras relacionadas aos conhecimentos de arquitetura, como a tradução castelhana dos dez livros de arquitetura de Alberti por Francisco Lozano e a tradução de Vignola por Patricio Caxesi, além de traduções de obras de Euclides, a publicação do tratado de fortificação de Cristóbal de Rojas, entre outros.¹⁶ Também, o próprio Juan de Herrera tinha publicado as estampas que realizou do Escorial¹⁷, difundindo a imagem desse edifício para além daqueles que poderiam visitá-lo. A semelhança entre essas estampas e as apresentadas por Villalpando foram notadas nas últimas décadas, especialmente a partir dos escritos de René Taylor¹⁸.

¹⁴ CÁMARA MUÑOZ, A. *Arquitectura y Sociedad en el Siglo de Oro*. Madrid: Ediciones El Arquero Textos Universitarios, 1990.

¹⁵ TAYLOR, René C. El padre Villalpando (1552-1608) y sus ideas estéticas. Homenaje en su cuarto centenario. *Boletín de la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando*, núm. 4, 1952, p. 409-473.

¹⁶ CERVERA VERA, Luis. *Intervención de Juan de Herrera en Ediciones de Libros*. Madrid: Instituto de Valencia Don Juan, 1996.

¹⁷ Idem. CERVERA VERA, Luis. *Las estampas y el Sumario de El Escorial por Juan de Herrera*. Madrid: Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1998.

¹⁸ TAYLOR, René. Op. Cit.

A obra escrita por Juan Bautista Villalpando e Jerónimo Prado era uma exegese do livro de profecias de Ezequiel,¹⁹ sendo que Villalpando se ocuparia dos capítulos que tratavam especificamente sobre a imagem do templo presente nas visões do profeta. Os autores interpretavam o modelo apresentado no texto como o templo de Salomão, contrariando os textos canônicos que tratavam desse edifício. O próprio Arias Montano, no texto publicado sobre os edifícios sagrados junto à Bíblia Régia, centrava suas referências para tratar desse templo no livro dos Reis e na Mishná judaica e não faz menção ao texto de Ezequiel como fonte para tratar desse tema.

Apesar ter sido apoiada por Felipe II, o monarca insistiu que a publicação fosse realizada em Roma, com o apoio da Companhia de Jesus e do Papa, o que indica a preocupação sobre a ortodoxia do texto, particularmente em um momento em que o controle sobre a interpretação e acesso aos textos bíblicos é reforçado após o Concílio de Trento. Em 1590, Villalpando mudou-se para Roma para finalizar a obra e então publicá-la na cidade papal. Após o falecimento de Jeronimo Prado, em 1595, os capítulos preparados por Prado foram publicados em um volume em 1596 e o projeto inicial de dois foi ampliado para três volumes. Os dois tomos de Villalpando foram intitulados: “De postrema Ezechielis Prophetæ visione” (tomo II) e “Apparatus Urbis ac Templi Hierosololymitani” (tomo III).

Ainda assim, a obra teve grande sucesso, particularmente sendo lembrada como um tratado de arquitetura e reforçando a imagem do Escorial como novo templo de Salomão.

Considerações finais

Tendo como principal referência para tratar da relação entre o Escorial e o Templo de Salomão sido reforçada pela leitura dos capítulos escritos por Villalpando em sua exegese sobre as profecias de Ezequiel e sendo a principal fonte a ser considerada para tratar da construção desse mosteiro a obra de José de Sigüenza, procuramos nesse texto primeiramente apresentar a relação do edifício com a metáfora da arca, o tabernáculo e o templo e reforçar que o discurso sobre o templo de Salomão é colocado com maior ênfase apenas a partir da publicação da exegese de Villalpando e Prado sobre as profecias de Ezequiel.

Também procuramos destacar as considerações sobre arquitetura sagrada de Arias Montano, por ser expresso por Sigüenza sua influência sobre o Escorial e por ser autor de grande prestígio e próximo a Felipe II durante a construção desse edifício, ao mesmo tempo em que realizava uma obra de extrema

¹⁹ VILLALPANDO, Juan Bautista. *Tratado de Architectura Perfecta en la Ultima Vision de Ezequiel*. Trad. Fray Luciano Rubio O.S.A. Ed. Jose Corral Jam. Madrid: Colégio Oficial de Arquitectos de Madrid, Patrimonio Nacional, 1990.

importância no contexto tridentino espanhol, com a Bíblia Régia de Amberes. Por serem menos estudadas e consideradas ao tratar do contexto de edificação desse importante monumento de propaganda da monarquia, consideramos que seria de interesse discutir como Arias Montano interpreta a arquitetura apresentada na Bíblia a partir de modelos enviados por Deus a serem edificados por homens reconhecidos por seu papel destacado como fiéis obedientes aos desejos divinos.

Referências bibliográficas

ARIAS MONTANO, Benito. **Ejemplar o arquetipo de las construcciones sagradas**. Tradução de José Solís de los Santos. In: GÓMEZ CANSECO, Luis; FERNÁNDEZ LÓPEZ, Sergio (eds.). Benito Arias Montano, "Antigüedades hebraicas. Tratados exegéticos de la Biblia Regia. Antiquitatvm Iudaicarvm libri IX. Apparatus Sacer. Huelva: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva, 2013e, p.549-646.

CÁMARA MUÑOZ, A. **Arquitectura y Sociedad en el Siglo de Oro**. Madrid: Ediciones El Arquero Textos Universitarios, 1990.

CERVERA VERA, Luis. **Intervención de Juan de Herrera en Ediciones de Libros**. Madrid: Instituto de Valencia Don Juan, 1996.

CERVERA VERA, Luis. **Las estampas y el Sumario de El Escorial por Juan de Herrera**. Madrid: Colégio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1998.

GARCÍA-FRIAS, Carmen; SANCHO GASPAS, José Luis. **Guía del Real Monasterio de San Lorenzo de El Escorial**. Madrid: Patrimonio Nacional, 2010.

GÓMEZ CANSECO, Luis; FERNÁNDEZ LÓPEZ, Sergio (eds.). **Benito Arias Montano**, "Antigüedades hebraicas. Tratados exegéticos de la Biblia Regia. Antiquitatvm Iudaicarvm libri IX. Apparatus Sacer. Huelva: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva, 2013.

SIGUENZA, José de. **La Fundacion del Monasterio de el Escorial**. Valencia: CMC Editor, 2010.

TAYLOR, René C. El padre Villalpando (1552-1608) y sus ideas estéticas. Homenaje en su cuarto centenario. **Boletín de la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando**, núm. 4, 1952, p. 409-473.

VILLALPANDO, Juan Bautista. **Tratado de Arquitectura Perfecta en la Ultima Vision de Ezequiel**. Trad. Fray Luciano Rubio O.S.A. Ed. Jose Corral Jam. Madrid: Colégio Oficial de Arquitectos de Madrid, Patrimonio Nacional, 1990.